



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡

AS FLORES DA AMENDOEIRA

POR MARIA ALDA NEVES DA GRAÇA NEVES

Desenhos de ADOLFO CASTANHE

MENÇÃO DA SÉRIE C

JA' cansado, o pobre cavalinho pára a todo o momento, tomando fôlego, o que irritava o pequeno cavaleiro que o montava: — o Zézinho.

Zézinho estava em férias na sua terra, — Portimão — a linda cidade algarvia. Bom rapaz e ótimo estudante, apontado aos condisci-

pulos pelos professores como exemplo a seguir, apenas o distraíam dos estudos, algumas horas que empregava em longas caminhadas, campos fóra, montado no seu «Alerta».

Nesta linda tarde de Março, em que um sol esplendoroso dava maior realce à natural beleza dos campos, Zézinho, num doce e enternecido enlevo, absolutamente entregue à contemplação desse formosíssimo quadro, deixava passar as horas, esquecendo-se, até, de que o pobre «Alerta» estava exausto e mal alimentado.

As amendoeiras, as belas amendoeiras que na primavera transformam o Algarve no maior jardim do mundo, todas em flôr, branquinhas como a alma de Zézinho,

atraíam-no. Como que fascinado, num momento, sem reflectir, dirige-se a uma das maiores e mais formosas e colhe um grande ramo de flores.

Saciado o seu desejo, e já de regresso a casa, só então reparou que praticára uma maldade, e que prejudicara o dono da amendoeira: — o Ti, Manel Jorge, pequeno e modesto proprietário

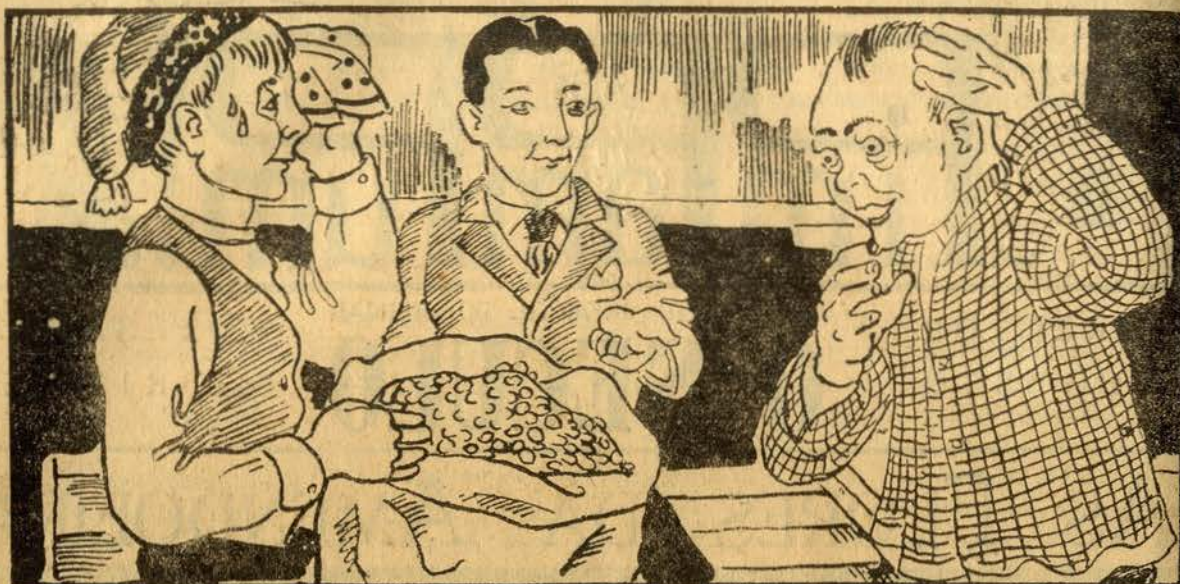
daqueles sítios, porquanto cada flôr colhida representava uma amêndoa a menos que amendoeira produziria.

Sentado na sua cama, preparando-se para dormir, Zézinho olha, entristecido, para o ramo das flôres que sobre o «toilette» começava a murchar e chora arrependido, pedindo, mentalmente, perdão ao Ti Manel Jorge pelo prejuízo que lhe causara.

Só muito mais tarde Zézinho consegue adormecer. O seu sono é pouco tranquilo e povoado de sonhos. Vê as

florinhas da amendoeira, uma a uma, desprenderem-se do ramo, transformando-se em pequeninas fadas, cujas vestes, muito brancas, não perdem a





forma de flor de amendoira. Zézinho sente-se transportado pelas fadazinhas à fazenda do Ti' Manel Jorge. Ali, as pequeninas fadas organizam uma dança, dum ritmo muito suave, em volta dêle, e cantam, parecendo chorar, tala dolência e tristeza dêsse canto. Zézinho pretende fugir mas uma das fadas prende-o e diz-lhe com doçura:

«Repara no mal que fizeste! Impediste que as tantas flores que colheste, se transformassem noutros tantos frutos. Prejudicaste, inutilmente, um pobre fazendeiro. E' um crime molestar as árvores que nos dão sombra é alimento; é um crime colher flores que produzem frutos...»

Zézinho acorda; voltando à realidade, veste-se apressadamente e, dirigindo-se a um armário onde havia amêndoas, tira uma, que, acto contínuo, vai semear no seu quintal.

Três anos depois, vamos encontrar o bom Zézinho na fazenda do Ti' Manel Jorge, acompanhado por um criado que transportava um saco com amêndoas. Era a primeira produção da amendoira que, anos antes, Zézinho havia semeado e que, como quem paga uma dívida, ofertava ao Ti' Manel Jorge.

■ F I M ■

1º Concurso mensal de Poesias e Contos Infantis

Concorrentes classificados



José da Costa Pereira
da Série A

Maria Zita de Stael
Correia
da Série A

José Martins dos Reis
da Série C

Madalena Taveira
da Série B

Fernando de Menezes
da Série C

O FIEL

Por OLIVIA FIGUEIREDO ASSIS

Desenhos de A. CASTAÑE

MENÇÃO DA SÉRIE C

ALBERTO era um menino rico, extremamente mau. Muito amado pelos pais, fazia as maldades sem nunca ser reprimido a valer.

Mas os maus instintos dele, revelavam-se, principalmente no seu procedimento para com os animais.

O seu maior prazer era andar na quinta, munido destas ratoeiras de arame com que se apanham os passarinhos e, depois de os caçar, deliciava-se com as atrozes agonias das pobres avesinhas.

Para os cães também não era bom. Na quinta havia um cão grande, amarelado, de raça vulgar, muito inteligente que se chamava «Fiel».

Era muito amigo de Alberto. Quando o via saltava-lhe, fazia-lhe festas, lambia-lhe as mãos, latia de contentamento, mas o mau pequeno repelia-o, dando-lhe pontapés que o magoavam e o bondoso animal retrava-se ganindo baixinho e ia esconder-se no seu casinhoto.

Uma vez a mãe presenciou esta cena e ralhou-lhe bastante, fazendo-lhe ver que os animais se sentem tal qual como nós e que nunca os devemos maltratar, antes tratá-los bem, porque a caridade para com os animais é um sentimento muito nobre.

E mais duma vez, a boa senhora se esforçava a dar-lhe conselhos destes, a que ele não ligava importância alguma.

Existia na quinta um lago muito fundo, onde o pequeno costumava brincar com barquinhos de cortiça.

Defronte ficava a casinha do cão. Uma manhã o Alberto dirigia-se para o lago, levando os barcos de cortiça e um outro, muito bonito, que lhe tinha dado o padrinho, na véspera.

Como de costume, o «Fiel» foi-lhe ao encontro, fazendo muitas festas e,

nesta altura, o Alberto não o tratou mal, porque estava muito contente com a oferta.

O cão como visse que não foi mal recebido, ainda mais festas lhe fez e,

afastou-se e ele, ao querer agarrá-lo, debruçou-se e... caiu.

A mãe, ao longe, numa janela do palacete, viu tudo; vira também a cena com o cão, e esperava que ele regres-



por fim, lambeu-lhe a cara, beijando-o.

O Alberto viu nisto uma desobediência e, como, ao pé, se encontravam pedras, agarrou numa e atirou-a ao cão, que foi atingido numa patinha, ficando ferido e a escorrer sangue.

O pobre animal ganindo foi refugiar-se no casinhoto e o nosso herói foi brincar para o lago, sem pensar em o socorrer.

Uma vez ac pé do lago tratou de pôr os barcos na água, mas, por azar, o barco bonito, dado pelo padrinho

passou, para lhe dar, finalmente, o necessário correctivo.

Sai, alucinada, gritando pelos criados, que correm para o local do desastre, mas quando chegavam vinha o bom do «Fiel» já a sair do lago, trazendo, preso pelo bibe, o pequeno que nada mais sofrera do que o susto.

Levaram-no para casa, meteram-no na cama, para se aquecer, e a mãe, então, disse-lhe:

— Meu filho: deves a vida a este valente animal (e apontava o cão que estava estendido em baixo) aquele a quem tu, há pouco maltrataste por te fazer festas! Eu esperava-te para te bater; desta vez não te perdoava mas Deus não quiz assim e dispôs as coisas desta forma, para que tu tenhas que ser eternamente reconhecido a este bondoso cão, que, a-pesar-de ser ferido por ti, não hesitou em te salvar a vida.

Quando acabou de falar, o pequeno soluçava.

Chamou o cão, abraçou-se a ele e chorou de arrependimento, pedindo perdão a Deus e prometendo que nunca mais faria mal aos animais.

Desse dia em diante, o cão nunca mais dormiu no casinhoto; vive no palacete com os donos, onde é estimado como merece.

Hoje o Alberto e o «Fiel» são dois amigos inseparáveis.



UM "PIC-NIC" FAMOSO — Por EUNICE DA COSTA MACHADO — Menção da Série A



Eram uma vez um pato marreco e um gato maltês, chamado Tareco.

Livre de canseiras, viviam felizes, com os companheiros e mai-los petizes

Num dia formoso, já de primavera, o gato, que era um bicho engenhoso,

combinou co'o pato irem com a prole, tomarem o sol, p'ró pé dum regato,

que ficava longe, junto do moleiro, perto do mosteiro, dum antigo monge.

Bela passeata! — Disse, jubilosa, a senhora gata, que era caprichosa.

Alegres, felizes, aos saltos, aos pinchos, aos gritos, aos guinchos, lá vão os pelizes.

Atrás, pachorrentos, lá vão os velhotes... Ai! antigos tempos, antigos pinotes!

Logo que chegaram, (o campo faz fome) Os filhos gritaram: —«Então, não se come?!»



E à sombra fresquinha duns frescos vergéis, a dona gatinha abriu os farneis.

Logo o senhor gato, mui paternalmente, dividiu um rato e deram ao dente.

O pato comia as tenras ervinhas, bichos, sementinhas, e o mais que apar'cia.

—«Vamo-nos banhar!...» (disseram os patos)
—«Vamo's nós caçar!...» (disseram os gatos)

E às árvores trepando, Em busca dos ninhos, Ai! que maus gatinhos, que malvado bando!

(Calem-se meninos, fiquem sossegados: que os gatos ladinos ficaram burlados).

Quando, empoleirado, um gato pimpolho, coçava um piolho já muito irritado,

Zás-trás-páz, caim mesmo na ribeira, Ai! que chiadeira Ali não se ouviu!

A tarde caía... e já sossegados, já mesmo cansados após correria,



o grupo regressa aos queridos lares, uns com muita pressa, outros com vagares.

Mal os viu, o cão logo os saudou e lhes disse: — Então, muito se gozou,

segundo parece?!... — Se eu tinha sabido, e caso pudesse, também tinha ido!

Também a galinha lhe falou assim: —«Porque é que a vizinha não me disse a mim?!»

Porque eu também ia, também passeava: só se a companhia lhe desagradava?!»

E a gata, leal, logo respondeu: —«Comadre, por Deus, nem pensar em tall!»

Tôda a bicharada ficou pesarosa, ficou melindrada, ficou mui nervosa

por ser esquecida naquele passeio, ficou ressentida, com gesto tam feio.

E eis como termina este «pic-nic», em que só entrou a gente mais chique...



A Minha Boneca

Por **MARIA ALINA**

Menção **Série A**

Um dia, a minha mãizinha ofertou-me, em dia de ancs, uma gentil bonèquinha que tinha os olhos castanhos.

De contente que fiquei, até as palmas batia, e, enlevada, contemplei a boneca todo o dia.

Após, porém, alguns dias cansada de a contemplar, na solidão a esqueci, fui para a rua brincar.

Mas, entretanto, o Claudito, a quem chamam brincalhão e que é o meu irmãozito, foi lá brincar para o sótão.

E, decerto entusiasmado com minha linda boneca, pega-lhe, tão desastrado que m'a quebrou, mas que seca!!

Quando o estrago contemplei, vendo o grande folião, por pouco que não chorei e bati no meu irmão.

Aos gritos que ambos soltámos, acudiu logo a mãizinha: — «A culpada. foste tu, porque a deixaste sòzinha !!!».

FIM

PEDIDO NÃO SATISFEITO

Por **ARMANDO FARIA**

Série B

Certa mãe tinha um filho, ainda criança, a quem fazia todas as vontades, tornando-o assim

—E' que o Manuel me não que-
re dar uma coisa...—respondeu a
criança, chorando.



exigente e insuportável. Numa noite de luar, ouviu ela o filho, que estava com os criados no jardim, chorando convulsivamente, ao mesmo tempo que os serviçais riam a bom rir. Chegou à janela, e perguntou, já pouco satisfeita:

— Que tens tu, menino? Que te fazem?!

—O' Manuel, porque não faz a vontade ao menino? Interroga a Senhora, repreensivamente, e cada vez mais desesperada pelas risadas dos criados:

—Ah, isso pode a senhora estar descansada que nem que êle estivesse a chorar toda a vida, eu lhe ia buscar o que me pede; — (respondeu Manuel, rindo sempre).

A senhora, então, ofendida com o atrevimento do criado, foi pedir ao marido que puzesse o serviçal na rua.

Desce o patrão ao jardim e pergunta: — Manuel, porque não fizeste a vontade ao menino?

— Oh patrão !! Como quere que eu o atenda, se êle exige que eu vá ao fundo do poço, buscar a lua que está reflectida na água?!



FIM

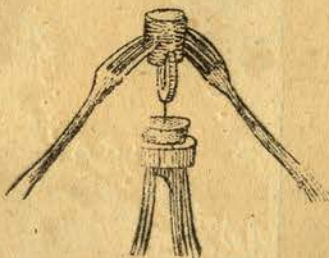
UMA MOEDA EM EQUILIBRIO PARA COLORIR

NO BICO DE UMA AGULHA

Arrolha-se, sólidamente, uma garrafa qualquer, e fixa-se na rôlha, pelo meio, uma agulha bem direita.

Pega-se, em seguida, numa segunda rôlha, onde previamente se fez um pequeno entalhe, no qual poderá penetrar uma moeda de cinco tostões. Entalada a moeda na rôlha, espetam-se nesta dois garfos que descem obliquamente mais baixo que a moeda, de modo que o centro de gravidade se encontre abaixo do ponto de apoio. Pode-se, então,

poisar o rebôrdo da moeda sobre uma agulha espetada na rôlha de uma garrafa e fazê-la girar; a moeda não cairá, por mais extraordinário que isso pareça.



ADIVINHA



Meus meninos.

Eis aqui o tipo do homem primitivo segundo a hipótese dum sábio inglês. Se desejarem conhecer tal sábio, procurem-no com atenção.

2.º Concurso Mensal de Poesias e Contos

LISTA DOS PREMIOS

Para cada um dos concursos 1.º e 2.º

SÉRIE A

Dois livros infantís, lindamente ilustrados e uma construção para armar.

SÉRIE B

Dois livros infantís, lindamente ilustrados e uma caixa com tablettes de chocolate, oferta da casa «Nestlé».

SÉRIE C

Duas lindas composições musicais e uma série de produtos da célebre marca «Nally».



A TEIMOSIA DO BÈBÉ

POR

MARIA ISABEL MOURA SIMÕES DIAS

MENÇÃO DA SÉRIE A

I

Bébé quer dormir!...
Rala-se a Mamãzinha,
Que já cansa de tanto lhe cantar.
O marôto, que desde manhãzinha
Não fez mais do que brincar,
Saltar e rir,
Não quer' agora, nanar,
Não quer' dormir!

II

Batem as dez horas, pausadamente,
E aqueles olhitos espertos,
Sempre abertos,
Não se querem fechar
A' canção linda e dolente
Que a mamã, serenamente,
Lhe está a cantar.

III

O urso de papelão,
Com que o Bébé sempre
Foi atirado ao chão,
Com rebeldia.
Atira, com violência,
A roupa da caminha,
E a pobre mamãzinha
Não perde a paciência.



IV

Esta, por fim,
Cansada de cantar,
Com a sua voz triste, disse assim:
— Dorme, dorme, Bèbé.
Faze a tua naninha.
O papá já está na cama,
Assim como a Luizinha
E a ama.

V

Olha para mim,
Não tens pena da tua mamãzinha?

— Então Bèbé, comovido,
Com as lágrimas da Mãi,
Chamou-a com a mãozinha,
Dizendo: — «Vem cá, Mãizinha,
Chega cá o teu ouvido,
Escuta o que vou dizer:
Vai depressa p'rá caminha,
Dorme, dorme, Mamãzinha,
Que o Bébé dorme também!
Ele está arrependido,
Resolvido
A não tornar,
Não mais desobedecer!

E a Mãi beija o Bèbézinho,
Que, muito sossegadinho,
Se deixou adormecer.

■ ■ ■ FIM ■ ■ ■